

## Novos tempos, novos desafios

*Lígia Maria Moreira Dumont*

*Jorge Tadeu de Ramos Neves*

*Carlos Alberto Ávila Araújo*

Entrevista com a Profa. Lígia Maria Moreira Dumont, Diretora da Escola de Ciência da Informação, no período de 2006 a 2010.

**Entrevistadores** - Gostaríamos de saber inicialmente sobre seu percurso profissional, a partir do momento em que você escolheu estudar Biblioteconomia e entrar aqui na Escola. Como se deu esse processo?

**Profa. Ligia** - É sempre bom lembrar a nossa trajetória, que tem algumas coisas que são muito gratificantes e alguns percalços que depois vão passando. Já faz quase 40 anos que estou na UFMG (contando os anos em que fui discente) e, também, alguns transtornos que também foram suplantados, bem como muitas satisfações se apresentaram na minha carreira acadêmica. Bom, a escolha pela área se deu por eu sempre gostar da área de Letras, Gerências Humanas e Ciências Sociais, tanto que na época de segundo grau, eu escolhi o curso clássico, que era um curso mais voltado para as humanidades. Eu sabia que a minha escolha seria, para fazer universidade, em uma dessas áreas. Estudando e vendo as possibilidades da época, acho que tive certa influência do meu pai, que era professor da Escola de Medicina da UFMG e amava esta universidade. Ele era um professor médico e, na ocasião, o único endocrinologista - claro que depois foram surgindo outros, que até trabalharam com ele. Em certa época da vida, ele chegou a largar um consultório pleno de clientes para se dedicar à Universidade, sendo o primeiro professor da UFMG a se inteirar e implantar a área de medicina nuclear, na qual ele investiu como tema de pesquisa. Então, acho que tive essas duas influências, uma que era de gosto de formação e outra de uma carreira acadêmica que eu via na minha casa, pelo meu pai. Quando, cogitando sobre os cursos que existiam na Universidade, pensei na Biblioteconomia, ele me incentivou muito, por ser uma formação voltada à leitura, à pesquisa e ao livro. Argumentou que seria uma profissão à qual me adaptaria. Acreditei muito nisso e vejo que ele tinha razão, pois me realizei e sinto-me muito satisfeita com minha carreira.

Agora, tendo-se passado 40 anos que estou na UFMG, vejo que escolhi a profissão que me deu satisfação. Fiz o curso de Biblioteconomia

e logo no primeiro ano, já consegui estágios em bibliotecas. Pude logo perceber que gostava e gosto muito de trabalhar dentro de bibliotecas, pois são ambientes muito agradáveis. Nelas, você tem um retorno muito peculiar, porque ao ajudar as pessoas a encontrar a informação desejada, elas ficam tão gratas, o que proporciona um retorno profissional imediato. Há profissões em que não se sabe ou conhece o retorno da pessoa para quem se está trabalhando. Dentro da biblioteca, é muito interessante, é imediato ou, então, tem aquela negociação: "me ajuda mais nisso", "vamos pesquisar mais aquilo", "em um banco de dados"... É uma carreira na qual eu me senti muito gratificada. Atuei dez anos como bibliotecária da Universidade. Iniciei em 1973, como bibliotecária, na Coordenação das Bibliotecas Universitárias da UFMG. Logo após começava o curso de Mestrado na Escola e fui designada como bibliotecária para este curso. Fiz a seleção e compra de todo o acervo, pois veio uma verba muito boa da CAPES para a montagem do curso de mestrado, que, na ocasião, era um dos cursos de maior importância, visto que na universidade ainda havia poucos cursos de pós-graduação. Compramos, importamos muitos livros e periódicos da nossa área. Na época, era pouquíssimo o material bibliográfico que tínhamos em português, então, foi muita importação de livros. Quanto aos bancos de dados, ainda nem se cogitava, um futuro que nem sabíamos que estava próximo. No último ano em que fui bibliotecária, também ingressei no mestrado aqui na Escola, que na ocasião se chamava Mestrado em Biblioteconomia, tendo como área de concentração as bibliotecas públicas (depois vou voltar a falar sobre esse assunto, explicando porque escolhi bibliotecas públicas). Após, fiz concurso para professora na Escola, ao mesmo tempo em que estava cursando o mestrado. Essa foi uma mudança de carreira no mesmo local, ou seja, de bibliotecária eu passei a ser professora da UFMG.

Vou voltar ao caso das bibliotecas públicas, que, posteriormente, direcionou toda a minha área de pesquisa. O Cenex (Centro de Extensão) da Escola tinha, no seu conselho, uma cadeira para um representante da casa, um funcionário, e logo que ingressei na Escola ocupei esta vaga. O carro-biblioteca já me atraía por causa da questão de levar a leitura aos bairros, aquela ideia de que se "Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé".

**Entrevistadores** - Nessa ocasião o carro-biblioteca já funcionava, o projeto já existia?

**Profa. Lígia** - Sim, já funcionava, com uma Kombi. Eu sempre achei o programa muito significativo, essa ideia de levar a leitura às pessoas que tinham pouquíssima chance de ter livro, de soltar a imaginação através da leitura. É interessante ressaltar, quando o carro entra nas comunidades, as pessoas do local falam que ele é importante para dar apoio aos estudos, mas, na realidade, ele é prioritariamente utilizado para lazer, leitura de obras de ficção. Ele vai com aquela "aura" de que ele vai ajudar - e claro, ajuda. Minhas pesquisas de mestrado e de doutorado demonstraram que leitura de lazer também é uma forma de

obtenção de conhecimento. A área em que pesquisei, em que fiz minha tese, foi essa, o significado da leitura para comunidades econômica e socialmente carentes. Entretanto, ironicamente, entrei como professora da Escola para a área de gestão de unidades de informação. Essa foi, na ocasião, a área do concurso aberta na época, que se chamava Administração de Bibliotecas e hoje se chama Gestão de Unidades de Informação. E, então, descobri que também gosto da área administrativa.

**Entrevistadores** - Em que ano você começou a atuar como professora da Escola?

**Profa. Lígia** - Entrei como professora em 1983. De 1973 a 1983, trabalhei os dois primeiros anos na Coordenação das Bibliotecas Universitárias, depois na Escola, como bibliotecária e aqui estou até hoje.

**Entrevistadores** - E como foi a sua experiência do doutorado?

**Profa. Lígia** - Acho que os principais pilares foram a área de gestão e de leitura. Gosto muito da gestão, porque já tinha uma experiência de trabalho, passei a chefe da biblioteca após três anos de ingresso na Biblioteca da Escola. Portanto, já tinha uma experiência de campo como profissional. Gosto dessa área de administração, sim. No entanto, mesmo chegando a ser diretora da Escola, a área da leitura é a minha área do coração, na qual desenvolvo pesquisas até hoje. Nela foram realizadas as minhas pesquisas de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado. Todas as três sobre leitura de lazer e informação.

**Entrevistadores** - Seu doutorado foi feito em qual instituição?

**Profa. Lígia** - No IBCT, no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, havia um convênio com a ECO, a Escola de Comunicação da UFRJ, porque os cursos de mestrado e pós-graduação tinham que estar agregados a uma universidade. Hoje, isso já não é mais necessário. Mas, o IBCT, que era um instituto de pesquisa em informação, ciência e tecnologia, também no Rio de Janeiro, já ministrava esses cursos. Por estar o IBCT agregado à Escola de Comunicação da UFRJ, meu diploma é desta escola. Sou doutora em Cultura e Informação pela ECO/UFRJ.

**Entrevistadores** - Em que ano você concluiu o doutorado?

**Profa. Lígia** - Em 1998.

**Entrevistadores** - E o pós-doutorado, como foi?

**Profa. Lígia** - Foi em 2005, na França, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Fui aceita, tendo como tutor o professor Roger Chartier, um dos maiores pensadores da área de leitura. Eu já estava com a minha proposta de pesquisa bem delineada, proposta essa que foi

crescendo desde as duas pesquisas maiores anteriores (do mestrado e do doutorado), na área de leitura de lazer como fonte de conhecimento.

**Entrevistadores** - E como foi a sua experiência como docente da Escola?

**Profa. Lígia** - Inicialmente, fui professora da disciplina Organização e Administração de Bibliotecas e, em seguida, Planejamento de Bibliotecas. Por ter uma experiência profissional anterior, em várias ocasiões, eu também orientei estágios. Como os profissionais bibliotecários não são muitos em Belo Horizonte, não é uma cadeia muito grande, eu tinha certa facilidade de conhecer a maioria dos profissionais. Na supervisão de estágios eu me sinto à vontade, tanto por conhecer anteriormente uma unidade de informação, como por conhecer vários profissionais que estão atuando no mercado. Nas disciplinas optativas, eu sempre abordo a questão da leitura e procuro transmitir o que eu sei sobre leitura, bibliotecas mais voltadas para o lazer. É nessa área, das optativas, que eu também ministrei disciplinas, tanto na graduação, como na pós-graduação. A minha trajetória acadêmica, incluindo a pesquisa e a extensão, possui os mesmos norteadores.

**Entrevistadores** - Nesse meio tempo você ocupou diversos cargos e funções, tanto aqui na Escola como na Universidade, certo?

**Profa. Lígia** - Quanto às chefias, participei, praticamente desde os primeiros anos na UFMG, até os dias atuais. Sempre participei do CENEX de alguma forma, ou fazendo parte de seu colegiado, como membro, como representante do departamento, representando o colegiado de graduação, enfim, de alguma forma sempre estive presente, ininterruptamente até 1995, quando fui para o Rio de Janeiro e comecei o doutorado. Em seguida, fui subcoordenadora e coordenadora do CENEX. Nesse período, consegui, como coordenadora, trocar o carro-biblioteca, pois era uma Kombi, que já estava ficando muito apertada para o nosso projeto final. Ela sempre foi apertada, mas fazia um trabalho bonito. Tivemos, então, a ideia de conseguir um novo micro-ônibus, que possui o chassi mais baixinho, e é mais fácil das pessoas entrarem nele. Com o micro-ônibus, as pessoas puderam entrar no veículo e manusear melhor os livros.

O micro-ônibus foi adquirido em uma época em que a UFMG não estava com muita verba, mas, com muita batalha, conseguimos comprar o novo carro-biblioteca. A verba veio da universidade, pois a Escola nunca teve a tradição de prestadora de serviços, portanto, ela não possuía outra renda além da dotação orçamentária. O reitor na época, o professor Cid Veloso, considerando a importância desse trabalho de extensão, decidiu comprar o micro-ônibus. O mais interessante é que para adaptar esse carro, foi primeiramente adquirido o chassi com as rodas e a barra de direção, não havia a carroceria. Foi feita uma licitação para a adaptação do carro. Os arquitetos da Universidade, juntamente conosco,

desenharam o que nós precisávamos. Mas, nenhuma firma de Belo Horizonte quis fazer essa adaptação. Fomos a São Paulo, em Botucatu, onde uma firma aceitou montar o carro-biblioteca. Para tanto, íamos trocando ideias, quando os problemas iam surgindo à distância, falávamos por telefone. Mas, deu tudo certo, ele veio certinho. Esse carro funcionou perfeitamente enquanto eu estava como coordenadora. Foi um dia de muita emoção a inauguração do carro, que aconteceu no bairro Lindéia. Estavam presentes o reitor e a grande imprensa. Foi uma festa, um sucesso. Eu tive o prazer de ter dado mais um passo, alcançado mais um patamar na trajetória do CENEX. Agora, ele já está em um patamar muito mais alto, pois está adaptado às mídias, está *online*, é um telecentro. Já é o quarto carro agora, adaptado às novas tecnologias. Então, minha experiência na extensão é muito forte.

Depois eu fui chefe do Departamento de Teoria e Gestão da Informação (TGI), que na época se chamava Departamento de Biblioteconomia. Logo em seguida, a Escola mudou de nome, no ano 2000. Fui, pouco depois, vice-diretora, tendo como diretor o professor Eduardo Wense e, agora, estou como diretora da escola.

**Entrevistadores** - Gostaríamos de saber a sua opinião sobre uma questão que é muito discutida aqui na Escola, a evolução da área de Ciência da Informação e de Biblioteconomia. Como você vê o percurso da área e como você imagina o futuro das discussões sobre ela?

**Profa. Lígia** - Como eu já tenho 40 anos de Escola, vi muita coisa acontecendo. Acho que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação no Brasil como um todo, foi muito influenciada pela Biblioteconomia, pois os pensadores daqui, da Ciência da Informação, quase todos, os primeiros que a fundamentaram, foram da área de Biblioteconomia. Começou realmente mais forte pelo pessoal do IBCT, que na época era no Rio de Janeiro. Aldo Barreto, Gilda Braga, Lena Vânia Pinheiro e Nélida González de Gómez, entre outros, foram os primeiros pesquisadores, quando começou a surgir essa nova proposta de ciência, nos anos 1970. O IBICT, como instituto de pesquisa de ponta, começou a estudar essa questão. E todos esses profissionais, com exceção do Aldo, economista, e Nélida, filósofa, vêm da Biblioteconomia. Eu acredito que, aqui no Brasil, e nós, aqui em Belo Horizonte, temos nossas pesquisas com uma base muito fincada na Biblioteconomia, porque as pessoas são dessa área. Em alguns países não, pois ela possuía, desde o início, pesquisadores de outras áreas. Mas aqui no Brasil, sem dúvida, a Ciência da Informação teve uma influência muito forte da Biblioteconomia, pois ela tem uma interface muito grande com a formação dos seus pensadores primeiros. Uns acham que a Ciência da Informação seria uma simples evolução da Biblioteconomia, uma coisa natural que aconteceria. Outros acham que não, que é a tecnologia que mudou, mas, isso é uma discussão que não sei se vai chegar um dia a alguma conclusão. Talvez, toda essa polêmica oxigene a discussão, que é muito interessante. Mas, eu acho que a Ciência da Informação tem diferenças da Biblioteconomia clássica, básica, que é

importantíssima nos nossos fundamentos. Aliás, a parte tecnológica da Ciência da Informação possui os pés fincados na Biblioteconomia, na qual estão as teorias mais concretas de organização do conhecimento. Enfim, essa questão de hierarquia, de como organizar o conhecimento, é fundamental para quem quer trabalhar depois com bancos de dados ou organizar dados, pois os fundamentos são da Biblioteconomia. Contudo, como outras áreas, a Biblioteconomia deixou esse lastro, embora eu ache que sejam também muito importantes as questões políticas e sociais que a Biblioteconomia traz, isto é, ênfase que damos ao usuário, ou seja, para quem você está levando informação. É a Biblioteconomia que traz isso: como a pessoa busca informação, como ela pensa e como recupera a informação. A Biblioteconomia sempre teve grande preocupação com os estudos de usuários. Então, eu acho que essa área, também, por questão de ser mesmo uma preocupação da Biblioteconomia, trouxe uma boa contribuição para a Ciência da Informação.

**Entrevistadores** - Tendo estudado no exterior e feito o pós-doutorado na França, como você vê essa questão, no contexto deles? Há essa discussão lá ou os franceses não têm muito essa preocupação de discutir as semelhanças e diferenças entre Biblioteconomia e Ciência da Informação?

**Profa. Lígia** - Como os meus estudos eram sobre leitura, não procurei muito esse lado, aproveitei o máximo que pude na área de leitura, conversando com as pessoas, fazendo visitas. Sobre Ciência da Informação eu não posso dizer com certeza o que acontece por lá. Mas, acho que a Biblioteconomia é mais tradicional. Eu senti um pouco que eles compartimentam as duas áreas mais do que aqui. Os franceses, como são tradicionais, demoram um pouco mais a assimilar essas "modernidades". Porém, estão mudando. Quando eu estava lá, em 2005, os pensadores da área falavam que se a área da informática não entrasse "pesado" junto às bibliotecas, que o país ia ficar em desvantagem em relação à Comunidade Europeia. A Biblioteca Nacional estava "dando choque" de tantos computadores.

**Entrevistadores** - Como você vê, então, a partir de tudo isso, o papel da nossa Escola nessa discussão, nesse debate sobre Biblioteconomia, Ciência da Informação e outras áreas, como a Arquivologia, a Museologia e as áreas afins?

**Profa. Lígia** - A Escola é muito admirada por vários motivos, mas, principalmente, por ter sido uma das primeiras a ter convidado profissionais de outras áreas para trabalhar conosco. Acredito que aqui, dentro da Universidade, é uma das poucas que tem um corpo docente tão "ecclético", que dá esse suporte que nós achamos importante para a Biblioteconomia e à Ciência da Informação, tanto que o nome da Escola mudou. Nós vimos a Biblioteconomia e a Ciência da Informação caminharem para isso. Piaget já dizia: "não é possível mais estudar áreas

estanques, precisamos de pensamentos de outras áreas para a ciência crescer". A Escola foi pioneira ao pensar assim e colocar em prática. Realmente, abrir o seu quadro de professores permanentes para professores de outras áreas, para dar esse conteúdo aos nossos alunos e para as nossas pesquisas, foi um passo importante na nossa evolução. Crescemos e nossos cursos avançaram muito. Da mesma forma, ela foi agora pioneira ao oferecer, tendo como fundamento básico a Ciência da Informação, três cursos de graduação – Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia – sem aumentar muito o seu corpo docente. Estamos criando dois novos cursos, recebendo seis novos professores para cada curso. Quando é que se monta um curso com apenas seis professores? Se não houvesse competência acadêmica aqui dentro, não seria possível ter esse tronco comum. Uma Escola que só tinha um curso, pode-se dizer que triplicou de tamanho, em termos de oferta de cursos. Isso tudo é uma consequência da nossa trajetória e formação.

**Entrevistadores** - Vamos falar agora da ECI, e do resultado do seu período como diretora. Como você avalia esse período? Quais foram as principais conquistas e as dificuldades encontradas?

**Profa. Lígia** - Vou pegar um gancho do bloco anterior para não perder o fio da meada. Lembrei do fato de sermos pioneiros em algumas coisas. Por exemplo, quando fizemos o nosso tronco comum para os três cursos, eu apresentei nosso projeto no Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação (CINFORM), na Bahia. O auditório ficou lotado, afinal, era uma novidade. Falava-se dessa possibilidade no meio acadêmico, mas, como eu disse, fomos pioneiros na implantação também. O que vimos e que é muito interessante são algumas escolas de Biblioteconomia ou Ciência da Informação que já ofereciam, por exemplo, Biblioteconomia e Museologia ou, então, Biblioteconomia e Arquivologia, mas de forma estanque. Então, todos queriam saber como nós tínhamos conseguido reunir em um tronco comum os três cursos. Distribuí nosso projeto para todos, passei os CDs para várias pessoas copiarem o nosso projeto pedagógico, pois somos uma escola pública. E veja que interessante: estive semana passada na Universidade Federal Fluminense, onde estavam acontecendo três concursos, com bancas compostas por professores advindos de vários lugares. Que surpresa a minha ao ver que em outros locais, também, já estão implantando um tronco comum. Há profissionais, professores reconhecidos, que questionam um pouco nosso projeto pedagógico. Teremos algumas dificuldades na implantação. Mas, enfim, tudo isso já era previsto. Porém, houve boa aceitação, fomos os primeiros, e já estão aparecendo outras escolas querendo implantar o modelo.

**Entrevistadores** - E qual o balanço que você faz dos seus quatro anos de mandato?

**Profa. Lígia** - Meu período de diretoria – primeiro como vice-diretora, no mandato anterior, e agora como diretora - já está completando oito anos. Acredito que nós entramos em uma época de mudanças, evoluções, crescimento. A Ciência da Informação veio com um nome muito forte, uma novidade. Conhecimento, informação, já são palavras-chave que atraem as pessoas, mas, e daí? O que a Ciência da Informação faz? Com o que ela está contribuindo? É uma ciência pós-moderna? Então, quando começamos o mandato com o professor Eduardo e depois como diretora, queríamos mostrar o que a Ciência da Informação faz, queríamos abrir, mostrar para fora, pois já tínhamos aqui um corpo docente, de funcionários e de alunos voltados para a mudança. Tínhamos uma especialização, um mestrado e um doutorado já montados. Estava na hora de abrir essa porta, mostrar o que somos, caso contrário, poderíamos perder o “trem da história”. Na contemporaneidade, a informação é domínio de todos, de quem chegar primeiro, pode ser a Informática, pode ser a Comunicação, por isso, temos que mostrar o que a Ciência da Informação é. Então, tivemos esse plano, essa meta principal de abrir mais e mostrar para o que nós viemos. Abrindo, convidando as pessoas de outras áreas a fazerem os cursos, investindo mais nos nossos alunos - porque os nossos alunos de graduação não ingressavam muito nos nossos cursos de pós-graduação. E, trabalhando mais junto à Reitoria e a outros órgãos colegiados da universidade também. Íamos a todas as reuniões do Conselho Regional de Biblioteconomia, às reuniões da Associação dos Bibliotecários para tentar, junto aos órgãos de classe, elevar, integrar e usar mais as novas tecnologias na área. Esse conceito de que o bibliotecário é a pessoa que só trabalha dentro da biblioteca, nós precisávamos derrubar. Porque hoje, a biblioteca está em qualquer lugar, biblioteca *online*, biblioteca no PC da casa de cada um, nas redes e outras mais.

Tínhamos que mostrar que o profissional bibliotecário e todo profissional da informação pode trabalhar em qualquer lugar, onde se precisa organizar o conhecimento de alguma forma, física ou *online*. É com isso que estávamos preocupados. Fizemos muita questão de entrar em vários órgãos da Universidade, inclusive a Biblioteca Universitária, para mostrar isso, que a biblioteca, o conceito mesmo de biblioteca, havia se expandido para muito além daquele espaço físico. Mostrar o que é a Ciência da Informação – essa foi a principal meta. Aqui, para os nossos alunos, já falamos disso há muito tempo. Mas, estávamos muito fechados. Falávamos muito, mas, apenas para nossos alunos, profissionais. Quando eles iam para o mercado, era uma onda mais forte. Então queríamos mostrar o perfil do nosso formando para o mercado. Estamos trabalhando até hoje para mostrar o que são os novos profissionais da informação, em todos os níveis, a começar pelo bibliotecário. A mudança de nome da Escola foi o primeiro passo. Um dos principais motivos certamente foi que ela expandiu, ela quebrou barreiras físicas que existiam antes, que a

informação exigia ter um suporte físico, palpável, e agora não precisa mais, e cada vez mais vamos ficar independentes do papel.

Vou aproveitar e falar da nossa biblioteca. Não é o maior feito da minha gestão, mas foi o que mais me deu prazer, um dos maiores orgulhos. O maior feito para mim foi a implantação dos dois novos cursos de graduação. Bom, o que acontecia é que eu entrava na biblioteca e me dava certa frustração saber que ela não era aquilo tudo que nos falávamos na sala de aula. Infelizmente, são coisas que acontecem na universidade, às vezes não se tem recursos para fazer uma reforma, disponibilizar computadores, entre outras necessidades.

Essa nossa biblioteca ficou em aproximadamente R\$ 320 mil. É aquela ideia: precisávamos começar em casa. Vamos reformar essa biblioteca! Mas de que jeito? A dotação orçamentária da escola é de cerca de R\$ 8 mil por mês. Há mais algumas prestações de serviços do NITEG, não chega a R\$ 10 mil, isso para manter esta casa toda. Bom, tivemos que sair com o "pires na mão", fazer projetos e mostrar que com um bom projeto se consegue verbas. Com esse projeto na mão, descrevemos tudo de que precisávamos, todos os detalhes, com um orçamento bem especificado, já com uma planta arquitetônica - a Universidade tem essa vantagem, consegue-se alguns serviços aqui mesmo dentro da casa. Ganhamos a primeira verba da FINEP. Foi algo inesperado, porque a universidade era meio tradicional, só apresentava projetos para laboratórios de grande porte. As grandes universidades do Brasil podem apresentar à FINEP e ganhar financiamentos para no máximo dez projetos diferentes, dentro dos custos previstos no edital. É a própria universidade que escolhe os dez projetos.

Por tradição, desde que existe a FINEP, a área de Ciências Sociais e Humanas tinha sido agraciada pouquíssimas vezes com o financiamento de novos projetos. Quando entrei na Pró-reitoria de Pesquisa para apresentar o projeto da biblioteca a ser submetido à FINEP, senti que eles pensaram "ela é atrevida", mas, assim mesmo, apresentei. A FINEP privilegiava muito os laboratórios e como eu sabia que a biblioteca é um laboratório, direcionei a justificativa nesse contexto. Indo além, mostrando que não é só um laboratório, não apenas para os nossos alunos, mas para toda a Universidade e para a comunidade. E assim justificamos o nosso projeto.

Que surpresa tive ao ir lá, no dia de uma reunião do conselho da PRPQ, para defender nosso projeto. Havia 20 projetos para serem apresentados e só iriam ser aprovados dez. Fiquei realmente surpresa quando o pró-reitor me disse que o nosso projeto tinha ficado entre os dez aprovados, inclusive, tendo sido considerado um dos mais bem elaborados e justificados. Portanto, nossa Escola começou a abrir realmente espaço quando começamos a participar de todas essas áreas da Universidade. Maior surpresa, ainda, foi quando a FINEP deu o retorno, de que apenas sete projetos tinham sido aprovados, pois eles consideraram que os outros três não estavam de acordo com a exigência do edital, que era de "laboratórios multiuso". Isso foi o portão inicial para iniciarmos a reforma da biblioteca. Mas a verba era insuficiente, na verdade veio quase

a metade, e concorreremos no ano seguinte, pela segunda vez, e ganhamos, mas, com a verba pela metade. Depois, conseguimos com a Reitoria através da Pró-reitoria de Planejamento e do empenho do próprio reitor, professor Ronaldo Tadeu, o restante para finalizar o projeto da biblioteca.

Ela, hoje, conta com 151 computadores. Esse número causa impacto. Ela possui duas salas que são realmente laboratórios, sendo uma para a área de tratamento da informação, que usa muito os computadores, as tecnologias, mas, também, os impressos, e a outra sala mais voltada para as aulas de fontes de informação, com uma média de dois alunos por computador. A biblioteca é vista desde que começamos a subir as escadas da escola. E, com o REUNI, vamos construir o segundo andar da biblioteca. A ideia é que agora ela seja toda de vidro para a nossa parte externa, para a avenida Mendes Pimentel. Será a parte de consulta aos computadores, as pessoas poderão ver da rua, de fora, como funciona uma biblioteca do século XXI. Essa é a nossa ideia: ajudar a alavancar a nossa profissão, fazê-la ser vista como uma profissão moderníssima, super contemporânea, que trabalha com informação *online*, pois, cada vez mais, ela será assim. E isso é importante para o novo perfil de nossos calouros, ou seja, alunos que são também atraídos pela vertente da tecnologia.

Por último, tem a questão dos dois novos cursos. A reforma do curso de Biblioteconomia começou primeiro, pois, não sabíamos que viria o Programa REUNI, do MEC. Nós começamos a reestruturação pelo Curso de Graduação de Biblioteconomia há quase cinco anos, quando eu ainda era vice-diretora da Escola. Montamos comissões, estudamos muito, fizemos a reforma com oito grupos e subgrupos de área. Foi interessante a manutenção daquela ideia central da Biblioteconomia, em que o usuário é o centro de tudo, na qual tudo gira em torno dele: as fontes, a informática, questões ligadas à informação e sociedade, gerenciamento. Um curso que gira sempre em torno daquele para quem nós levamos informação. O curso teve esse norte, que foi essencial no direcionamento da reforma curricular.

Quando estávamos terminando a reforma é que veio o Programa REUNI, o que possibilitou engancharmos o tronco comum. Agora podíamos criar novos cursos, íamos ter novos professores e verba para tal. E, porque não executar aquele velho desejo de ter o curso de Arquivologia? E, porque não ousar mais e criar o curso de Museologia? Houve várias discussões aqui na Escola. Estudamos muito para aproveitar ao máximo o projeto REUNI, ver o que nós íamos ganhar, ver se a "casa" comprava essa ideia, tentar convencer a todos. Acredito que houve um bom trabalho, pouca resistência e a Escola aceitou muito bem. Conseguimos fazer nosso tronco comum e inauguramos o curso de Arquivologia, que era um desejo de anos, e, ousadamente, inauguramos também o curso de Museologia. Eu me sinto muito orgulhosa de terem tais avanços acontecidos na minha gestão, nós termos podido inaugurar os novos dois cursos.

Para completar, só falta falar da reforma da Escola. A verba já está na UFMG. No prédio de aulas das Ciências Humanas, nós conseguimos duas salas de aula, especiais para a Ciência da Informação, que são salas de aula laboratório com 40 micros em cada sala. Elas foram especialmente desenhadas pelos arquitetos, como gostaríamos que fossem, para servir aos três cursos. São salas especiais, como as da biblioteca, que custam três vezes mais - inclusive fomos os únicos que solicitamos salas especiais para nossas especificidades. Certamente, estas salas vão ser muito invejadas, mas nós as emprestaremos para as outras unidades, sem problemas, se não estivermos usando.

**Entrevistadores** - Gostaríamos de saber como você vê a questão da dimensão da Escola no âmbito da UFMG e mesmo fora da UFMG. O que você atribuiria à sua equipe ou mesmo a um mérito seu, de ter levado o nome da Escola a ser mais conhecido na Universidade e mesmo fora dela?

**Profa. Lígia** - A meta desta diretoria foi levar para fora, mostrar o que é Ciência da Informação para todos. Isso foi muito planejado. Externamente, temos tentado nos fazer representar no que somos chamados - também participo de órgãos do MEC, sou avaliadora de cursos. E, no atual governo, eu vi uma maior abertura no MEC, em relação às universidades, ao ensino, a avaliação do ensino foi mais forte. Também faço parte de três conselhos da UFMG: Curador, do Patrimônio e do Campus 2010, que é do REUNI. São três cadeiras para as quais fui eleita pelo Conselho Universitário, para representá-lo em outros conselhos da própria Universidade que não são ligados diretamente à Ciência da Informação. Acho que a Escola se abriu, ela era um pouco fechada, não se mostrava tanto. Estamos com mais ânimo de mostrar a que viemos, porque preparados nós já estamos, há muito tempo.

**Entrevistadores** - Gostaríamos que você falasse um pouco da importância das revistas científicas. Essa entrevista será publicada no próximo número especial da Perspectivas em Ciência da Informação. Como você vê a importância de termos uma revista aqui na Escola, com a importância que ela tem?

**Profa. Lígia** - Para você ver que em tudo que se aborda, em todos os assuntos, somos pioneiros no Brasil. É sempre bom lembrar que somos, desde o início, uma Escola e não um departamento, como a maioria dos outros cursos (só recentemente Brasília se tornou uma faculdade). Isso nos facilita, pois temos assento nos órgãos de decisão como, por exemplo, no caso de alocação de verbas. Também somos um dos pioneiros na publicação, desde 1972, da Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Também somos pioneiros na extensão, somos o segundo programa mais antigo da universidade - o carro-biblioteca tem 37 anos. Na área das publicações, apenas a Ciência da Informação, do IBICT, é mais antiga que a nossa. No princípio, a revista era mais

endógena, para dar subsídios mesmo para sala de aula, com textos sobre a nossa experiência para os alunos. Ela era utilizadíssima em todo o Brasil. Um tempo atrás, uma professora do Rio Grande do Sul me disse “que pena que a Revista de Biblioteconomia não é a mesma, ela nos dava tanto textos e suporte para as aulas de graduação”. Ao que respondi: “não! Ela continua, ela começou mesmo com essa ideia de termos material para nossos cursos, pois nossos cursos na época eram apenas de graduação, mas, depois, fomos crescendo, evoluindo, criamos a pós-graduação, entramos na CAPES, com suas exigências de pesquisas, e essas exigências, gostemos ou não, de certa forma, nos fazem crescer, evoluir”.

Quando a Escola mudou de nome, quando nós vimos que, de certa forma, a Biblioteconomia nos constrangia, a Revista também mudou de nome. No ano de 1996, passou a ser um periódico de pesquisa, divulgando artigos de ponta e sempre sendo muito bem avaliada. Ela nunca parou a publicação, segue ininterruptamente, conforme a área foi exigindo e nós sempre um pouco mais à frente, com uma visão mais à frente. Assim também ocorreu com a criação dos cursos do NITEG. A professora Ana da Soledade Vieira foi de muita importância, ela sempre via à frente, contribuindo muito na revista com artigos. Temos até um número especial, no qual é mostrado que o que ela previu está acontecendo no mercado e com o perfil dos profissionais.

A revista contribuiu muito, ela acompanhou o crescimento da Escola e sempre com uma visão do futuro, já publicando nas suas páginas o que viria a acontecer, o que vinha se efetivando. E, agora, nós queremos crescer mais ainda. Temos o Setor de Publicações, já temos até o seu regimento, porque nós queremos crescer mais e divulgar o conhecimento da Escola e da área. Acabamos de criar a revista dos alunos de graduação e, também, a pós-graduação planeja editar a Revista dos discentes. O nosso desejo aqui, agora, é criar uma editora, publicar livros e outras publicações como, por exemplo, o material desenvolvido por professores voltado para as aulas, que merece ser publicado, para dar suporte às disciplinas. Então, temos uma gama variada de possibilidades de publicação, também da produção interna nossa, e, com essa nova editora, vamos ter a publicação de artigos de ponta.

**Entrevistadores** - Para concluir, gostaríamos que você fizesse um balanço resumido desse seu período como diretora e uma avaliação de perspectivas futuras.

**Profa. Lígia** - Esse balanço vem numa hora boa, pois estou saindo, fechando essa etapa na diretoria. Sinto-me muito gratificada, acho que vivi épocas distintas e riquíssimas em 40 anos aqui, desde que entrei como aluna de Biblioteconomia. Vivemos vários períodos, dependendo muito de governos, uns que prestigiaram a educação, outros menos. Mas, acho que a fase atual é boa, apesar da nossa dotação orçamentária continuar a mesma. Pudemos conseguir várias verbas através de outros meios e esforços, como com o programa REUNI, que nos ajudou muito.

Traçamos metas e fomos atrás. Foi uma diretoria muito pró-ativa, procurando parceiros, procurando nos mostrar. Acho que cuidamos muito bem da casa, de portas abertas todo o tempo, recebendo sempre as pessoas. Pouquíssimas vezes eu disse "não posso conversar com você agora". Na realidade, o que acontece no dia a dia da diretoria, é que quando recebemos as pessoas, geralmente não é para ouvir elogios e sim problemas, reclamações e isso toma muito tempo. E, para isso, dediquei-me muito, ficando aqui muitas vezes os três períodos do dia, para ter uma casa internamente bem administrada, para que pudéssemos produzir, com melhores condições, para que os todos os alunos se sentissem bem para produzir. Essa parte de "sindicato" é muito importante, nem sempre valorizada, mas muito importante. Se olharmos o tempo que ela toma, é mais do que outras questões, pois são nove setores que estão ligados diretamente à diretoria. Saio satisfeita, acho que conseguimos fazer um bom trabalho, bons projetos, e ganhá-los, pois a Escola não possui renda de orçamento próprio, ela conta mesmo com a dotação orçamentária. Eu vou fechar, coroadando minha carreira, com um convite do Reitor para assumir a Diretoria de Cooperação Institucional da UFMG, ligada à sua equipe de trabalho. Vejo tal convite como um reconhecimento pelo trabalho realizado aqui na Escola e acredito que conseguimos mostrar nossa seriedade, nossa dedicação, nos integrando a um todo maior que é a Universidade. Saio muito satisfeita destes quatro anos como diretora, com o sentimento de missão cumprida.

**Entrevistadores** - Agradecemos muito pela sua gentileza em nos dar esta entrevista e desejamos, em nome do pessoal da Perspectivas, que você tenha muito sucesso nestes novos desafios na Reitoria e que venha sempre nos visitar e contar as novidades.

**Profa. Lígia** - E que eu possa também trazer boas coisas para cá, certamente.